

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



NOTÍCIA SOBRE A CERÂMICA COMUM DA CIDADE DE AMMAIA: ALMOFARIZES DE IMPORTAÇÃO BÉTICA

Vítor Manuel da Silva Dias / Bolseiro de Doutoramento da FCT. Investigador do CIDEHUS / vitorsilvadias@gmail.com

RESUMO

A informação apresentada materializa uma primeira abordagem ao conjunto de 20 fragmentos de almofarizes provenientes dos setores da porta sul e das termas da cidade de *Ammaia*. A seleção iniciada em 2011, apresenta os resultados provenientes do espólio exumado durante as campanhas de 1995, 1996, 1999, 2001, 2002 e 2009. Propõe-se materializar análise quantitativa, caracterização morfológica e técnica, com aprofundamento da associação entre fabrico e forma, bem como a apresentação das respetivas orientações cronológicas do conjunto identificado.

Relembramos que o primeiro estudo onde se aborda a cerâmica comum proveniente de São Salvador de Aramenha é da autoria de Josefa Neves (Neves, 1972). Acrescenta-se com esta sucinta análise o número de formas provenientes da região de São Salvador de Aramenha.

ABSTRACT

The present paper reports a first analysis of the set of 20 fragments of mortars extracted from the southern sector of the door and spa of the city of *Ammaia*. The selection made started in 2011, and the study presented results from the analysis of a selection of pieces exhumed during the archeological excavations conducted in 1995, 1996, 1999, 2001, 2002 and 2009. Here we propose to materialize a quantitative, morphological and technological study, giving particular emphasis to the relationship between manufacture and shape, along with a chronological perspective. Therefore, here, with this brief but detailed analysis, we increase the information obtained, together with the type of forms found among the common ware pieces exhumed from the region of São Salvador de Aramenha.

A CIDADE DE AMMAIA: PORTA SUL. ALMOFARIZES. ANÁLISE QUANTITATIVA

Significativo é o hiato ocorrido desde 1972, data da publicação onde Josefa Neves aborda um conjunto de recipientes de cerâmica comum, *terra sigillata* e vidros (Neves, 1972). Quatro décadas representativas dos lentos avanços que a temática da cerâmica comum tem sido alvo. O lento ritmo da investigação arqueológica cadencia lacunas consideráveis na análise da dimensão local/regional dos hábitos de produção e consumo de grande parte do atual território nacional. A presente análise é uma original oportunidade para a apresentação de resultados, ainda que necessariamente parciais, do doutoramento dedicado ao tema da cerâmica comum de *Ammaia*. O projeto iniciado com a orientação do Professor Doutor Frank Maurice Vermeulen é presentemente continuado

com a orientação dos Professores Doutores Carlos Soares Fabião e Filipe Themudo Barata.

A seleção de fragmentos provenientes das diversas campanhas de escavação (1995, 1996, 1999, 2001, 2002 e 2009) realizadas na cidade de *Ammaia* resultou no estudo de 20 fragmentos exumados, sendo 13 oriundos do setor da Porta sul e 7 do setor termas. No setor Porta Sul destacam-se os quadrados 2534, 2734, 2735, 2736 e a Estrutura 2 todos com dois fragmentos cada, exceto o quadrado 2736 com quatro. Esta distribuição espacial acentua uma predileção pela torre Este e áreas circundantes.

Nas termas é o ambiente D (AMB D) que com quatro exemplares sobressai em toda a área. Igualmente neste setor estão representados os quadrados nº 1009, 1110 e 1209 todos com um fragmento. Deste conjunto desenvolve-se especialmente os fragmentos de importação bética.

BREVE CARACTERIZAÇÃO TÉCNICA, MORFOLÓGICA E FUNCIONAL

O papel de destaque que tem sido atribuído aos almofarizes como categoria morfológica com potencial informativo cada vez mais relevante foi já explorado por diversos autores (Arruda & Viegas, 2004; Pinto, 2003), tendo sido alvo de reflexões contextualizadoras no que diz respeito à morfologia, cronologia, fabricos e proveniência (Quaresma, 1995-1997 e 2008). Dado o inquestionável valor informativo desta forma seguiremos os critérios já valorizados com o objetivo de permitir uma aproximação e posterior confronto com os dados já conhecidos essencialmente a sul do Tejo, mas também em Conímbriga ou na Tarraconense.

O diâmetro externo do bordo apresenta valores que oscilam entre 12 cm e 42 cm. Desta característica formal o que mais sobressai é a grande variedade de diâmetros. Apesar disso são os diâmetros com 34 cm, 35 cm, 38 cm e 41 cm, que mais se repetem, registando todos dois exemplares.

A altura dos fragmentos demonstra o elevado índice de fragmentação dos indivíduos exumados, situando-se entre os 2,4 cm e os 7,4 cm.

O tipo de bordo mais representado é o bordo extrovertido de aba horizontal com 11 casos, seguido de longe pelo bordo extrovertido simples (4). Os bordos introvertidos são meramente residuais (1+1), acontecendo o mesmo com os fundos (1+1) e bojos (1).

A forma preponderante é naturalmente a esvasada variando o lábio entre o boleado, ou amendoado, por vezes com toro na orla superior, parede arqueada oblíqua, com ou sem estrias nas paredes superiores. Os fabricos retratam a influência bética do conjunto estando 6 fragmentos associados a pastas nitidamente béticas (J). A importância quantitativa deste valor assume dimensão de especial relevo nesta categoria morfológica, se tivermos em conta que em toda a área escavada apenas foram identificados até ao momento, 15 fragmentos originalmente béticos. Seguem-se as pastas calcárias de tons claros e beges identificados com as siglas C (3) e D (5) possivelmente locais/regionais. Este conjunto perfaz 14 do total de 20 fragmentos, representando 70% do conjunto em análise. Os restantes fabricos H1 (1), O (2), E (2) e B (1) significam escassos 30%. Optou-se por não pormenorizar a temática dos fabricos apesar da individualização tecnológica ter sido a primeira das tarefas desenvolvidas. Esta decisão prende-se

com o facto de ainda estar em progresso a análise arqueométrica realizada em parceria com o Centro Hércules da Universidade de Évora. Por este motivo deixamos em aberto a possibilidade das pastas claras (C e D) serem uma produção local/regional.

O tratamento de superfície mais frequente é a decoração incisa (4), sucedendo-se o engobe (2), alisamento (1) e aguada (1).

ORIENTAÇÕES CRONOLÓGICAS

As indicações estratigráficas dos setores termas e Porta Sul resultam não só, da análise da cerâmica comum, mas igualmente, da confrontação estratigráfica de cerâmicas finas, como são o caso de *terra sigillata* ou lucernas e mesmo de vidros, estudados por José Carlos Quaresma (Quaresma, 2010-2011). As unidades estratigráficas que registam presença de almofarizes no setor das termas são a Ue [154] com 2 indivíduos e a Ue [170] e Ue [147], ambas com um único fragmento. Na área correspondente à Porta Sul o registo arqueológico não permitiu informação estratigráfica válida.

A crono-estratigrafia das termas indica a presença de fragmentos de almofariz associados a dois momentos. O primeiro, de época Cláudio-Nero e o segundo mais tardio, enquadrado no período Flávio-Antonino. Esta indicação é facultada pela análise do conjunto dos materiais onde se encontravam depositados os fragmentos nº 24 e 17, associados à Ue [154], e pela informação dos níveis da Ue [147] donde foi exumado o nº 18. É interessante constatar que todos os fragmentos têm origem bética (fabrico J).

Almofarizes de importação bética

Os seis fragmentos de produção bética apresentados são exemplo da capacidade importadora da cidade de *Ammaia* (Figura 2). Os números 782 e 340 aproximam-se da forma 4 identificada em Santarém, sendo o nº 782 mais comparável ao nº 3 e o nº 340 ao nº 6 de *Scallabis* (Arruda & Viegas, 2004, 346). O elevado índice de fragmentação não permite clarificar a ausência ou existência de moldura externa da parede, típica da fase 1 sequenciada por Quaresma para os bordos arredondados. Todavia, a fratura parece supor a inexistência desta característica. Partindo deste pressuposto enquadram-se na fase 2, surgindo apenas na segunda metade do século I d. C. (Quaresma, 2006, 164, nº 20 e 21), o que confere com a informação estratigráfica dos números 17 e 20. O nº 340 atesta igualmente semelhanças com o bor-

do de Conímbriga, datado de Trajano (Alarcão et al., 1976, pl. XVII, nº12). As semelhanças são ainda mais evidentes com o nº1 da forma IV-A-2 de São Cucufate (Pinto, I. V., 1999, 311, nº 83. 232-9). Este caso de estudo acrescenta que esta forma geralmente desenvolve o fundo levemente alteado sendo pouco destacado (Pinto, I. V., 2006, 172).

Ambos os autores (Quaresma, 2006, 158 e Pinto, I. V., 2006, 172) enumeram diversas cronologias conhecidas, de famosas estações arqueológicas: Munigua, Braga, Conímbriga, Santarém, Ilha do Pessegueiro, Povos, São Cucufate, Pisões, Monte da Cegonha, Balsa. Apesar do detalhe temporal de cada sítio, apresentam em comum balizamento situado entra a segunda parte do século I e o início II d.C. O contributo *ammaiense* não ajuda ao esclarecimento da possível continuidade desta forma até ao Baixo-Império como é sugerido no caso de Povos (Vila Franca de Xira) e de São Cucufate (Quaresma, 2006, 165, nº158).

Os fragmentos nº17 e nº 20 foram ambos exumados no setor das termas em níveis Cláudio – Nero. O bordo regista alguma afinidade formal com a taça nº 4 do teatro de Málaga (Serrano Ramos, E., 2000, p.47, nº4) e o fundo com os exemplos de Santarém (Arruda&Viegas, 2004, 347, nº1 e 3) e de São Cucufate (Pinto, I. V., 2006, 171, nº8). Apesar das estrias concêntricas do fundo nº 20 significarem cronologia tar-do republicana/augusto-tiberiana (Pinto, I. V., 2006, 172) e por isso não o aproximarem do bordo nº 17, sem moldura externa mais típica da segunda metade do século I d. C., o registo arqueológico relaciona-os. Não fazendo crer pelos motivos apresentados que pertençam ao mesmo recipiente, aproxima-os a unidade estratigráfica, a raridade de fragmentos béticos oriundos do mesmo contexto (6), a proximidade das pastas e a aparente harmonia no tamanho, forma e orientação das paredes. Do mesmo modo, parece o fundo ser mais alteado e destacado do que anelar (Pinto, I. V., 2006, 171, nº8). Recorda-se que no caso de Santarém os exemplares de fundos não estão associados a nenhuma forma específica (Arruda & Viegas, 2004, 347). De acordo com os resultados do registo arqueológico seria menos orientador não expor esta indicação do que a sua omissão. De qualquer modo, esta possibilidade perante as atuais condicionantes deverá ser devidamente atestada por investigações futuras.

O nº 356 tem algumas semelhanças com o nº 84. 5204-2A de São Cucufate enquadrado na forma IV-C-1. Com 36 indivíduos, alguns com vertedouro e

frequentemente com estrias, tal como no caso *ammaiense*, é uma produção local (Pinto, I. V., 1999, 317). A semelhança com as pastas acontece mais com o caso de Conímbriga dado que as pastas regionais são igualmente alaranjadas, contrastado com o tom claro das importações semelhante aos exemplares da Vidigueira. Tal como nos exemplos apresentados pelos nºs 924, 1093, 691 e 1161 da *Ammaia*, também neste caso a autora encontra semelhanças com a forma Dramont 1. A influência parece nítida, sendo que este exemplar *ammaiense* se distancia dos restantes casos por apresentar bordo menos horizontal parecendo ser uma diferente interpretação local da forma itálica. É este modelo mais próximo do nº 537 de Conímbriga (Alarcão et al., 1976, 93, pl. XXVI, nº 537) do que os paralelos sugeridos para São Cucufate (Alarcão et al., 1976, 77, 137, 138).

O nº 18 é semelhante à provável forma fechada de São Cucufate (Pinto, I. V., 2006, 117, nº 59).

SIGNIFICADO DOS RESULTADOS

O destaque da região Bética manifesta-se nos resultados inclusive na amostra quantitativa desta forma, representando as importações 30% dos fabricos de almofarizes identificados. Com enquadramento estratigráfico associado às épocas de Cláudio-Nero e de Flávio-Antonino, reporta-se para estes períodos a capacidade económica importadora da cidade de *Ammaia* e a predileção por almofarizes desta região. A importância das importações béticas na categoria morfológica dos almofarizes é ainda mais expressiva se tivermos em consideração, que em todo o acervo de cerâmica comum da cidade de *Ammaia*, apenas foram identificados até ao momento, 14 fragmentos originalmente béticos (6 almofarizes; 2 potes?; 3 potinhos? e 3 bilhas).

Curioso é constatar que as pastas de origem clara que se aproximam do tom bético significam 40% do total de fabricos. Representam em conjunto, as importações e as produções locais/regionais de tom claro 70% do total desta categoria morfológica.

O conjunto de 20 almofarizes apresenta igualmente casos de convincente influência morfológica itálica materializada nas produções locais/regionais pelas formas *Emporiae* 36,2 e Dramont 1 e Dramont 2. Não sendo possível neste contexto desenvolver o tema da influência morfológica itálica nas produções locais, os resultados indiciam que esta inspiração em modelos itálicos aparenta ter uma rota

meridional de origem Bética. Relembra-se que esta primazia geográfica é reforçada igualmente pelos casos documentados na forma IV-C-1 de São Cucufate (Pinto, I.V. , 2003, 172), e na forma 1 de Santarém (Arruda & Viegas, 2004, 343), ambas de produção Bética e com influência da forma itálica Dramont 1. De igual modo, em Monte Molião os dados crono-estratigráficos documentam não só, maior antiguidade às importações béticas, como influência e imitação de modelos béticos no início da produção local (Arruda *et al.*, 2010, 10-11).

BIBLIOGRAFIA

AGUAROD OTAL, C. (1991) *Cerámica común romana de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.

ALARCÃO, J. (1975) – *Fouilles de Conimbriga. V: la céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard.

ALARCÃO, J. [et al.] (1976) – *Fouilles de Conimbriga. VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2004) – Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule: actes du Congrès de Vallauris, 20-23 mai 2004*. Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 341-349.

ARRUDA, A. M.; *et al.* (2010) – A cerâmica comum de produção local de Monte Molião, in *Xelb 10. Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, (Silves, 2009), Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 285-304.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1987) – *Considerações preliminares sobre a cerâmica comum do acampamento militar da Lomba do Canho, Arganil*, separata *Da Pré-*

-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Lisboa: Delta, p. 287-308.

MAYET, F.; SILVA, C. T. da (2002) – *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.

MORAIS, R. (2004) – Os almofarizes béticos em Bracara Augusta. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*. Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003). Vol. II. Oxford: Archaeopress (BAR International Series; 1266), p. 567-70.

NOLEN, J. U. S.; CATARINO, H. (1994) – A cerâmica comum local e regional. In NOLEN, J. U. S. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. Balsa. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

PEREIRA, A., MONTEIRO M. (2011) – Cerâmica comum romana no concelho de Castelo de Vide (Estudo Preliminar), AÇAFA On Line, nº 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. Retirado de http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Ceramica_Comum_Romana_de_Castelo_de_Vide.pdf

PINTO, I. V. (1999) – *A Cerâmica Comum de São Cucufate*, Partes I-IV. Lisboa. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Lusitana (Policipiado). PINTO, I. V. (2003) - Common ware from the Roman villae at São Cucufate (Beja, Portugal). *Rei Cretariae Romanæ Favtorum*. AbIngdon. Acta 38, p. 331-338.

PINTO, I. V. (2006) – Cerâmica comum de provável origem bética das *villae* romanas de São Cucufate. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 167-184.

QUARESMA, J. C. (1995-1997) – Os almofarizes romanos de Povos no contexto do território actualmente português. *Cira*. Vila Franca de Xira.7, p. 25-46.

QUARESMA, J. C. (2006) – “Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos.” *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 149-166.

QUARESMA, J. C. (2010-2011) – *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal) no âmbito dos intercâmbios de bens e de gentes com o Norte peninsular durante o Alto-Império. *Oppidum*. 6-7, p.85-102.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M.ª Á. (1992) – *Cerámica común romana de Mérida: estudio preliminar*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

SERRANO RAMOS, E. (1995) – Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península*

Ibèrica. Estat de la qüestió. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; 8), p. 227-50.

SERRANO RAMOS, E. (2000) – *Cerámica común romana: siglos II a.C. al VII d.C.: materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*. Málaga: Universidad.

VEGAS, M. (1973) – *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Universidad, Instituto de Arqueología y Prehistoria.

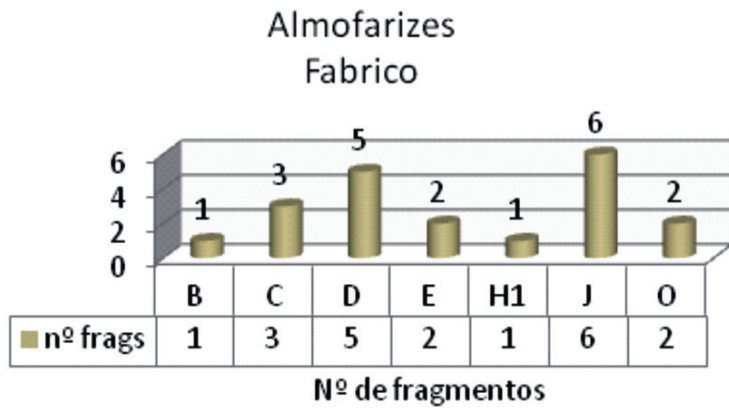


Figura 1 – Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico.

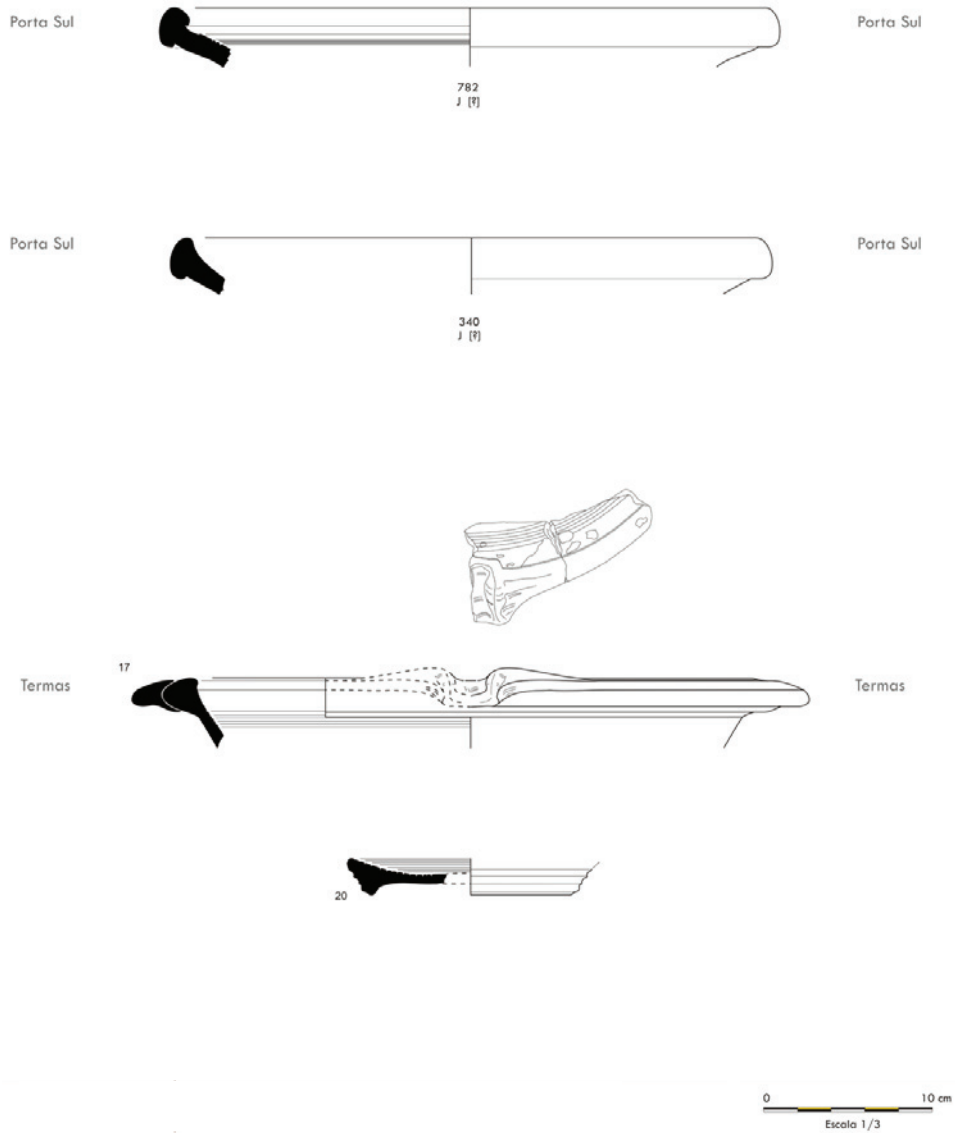
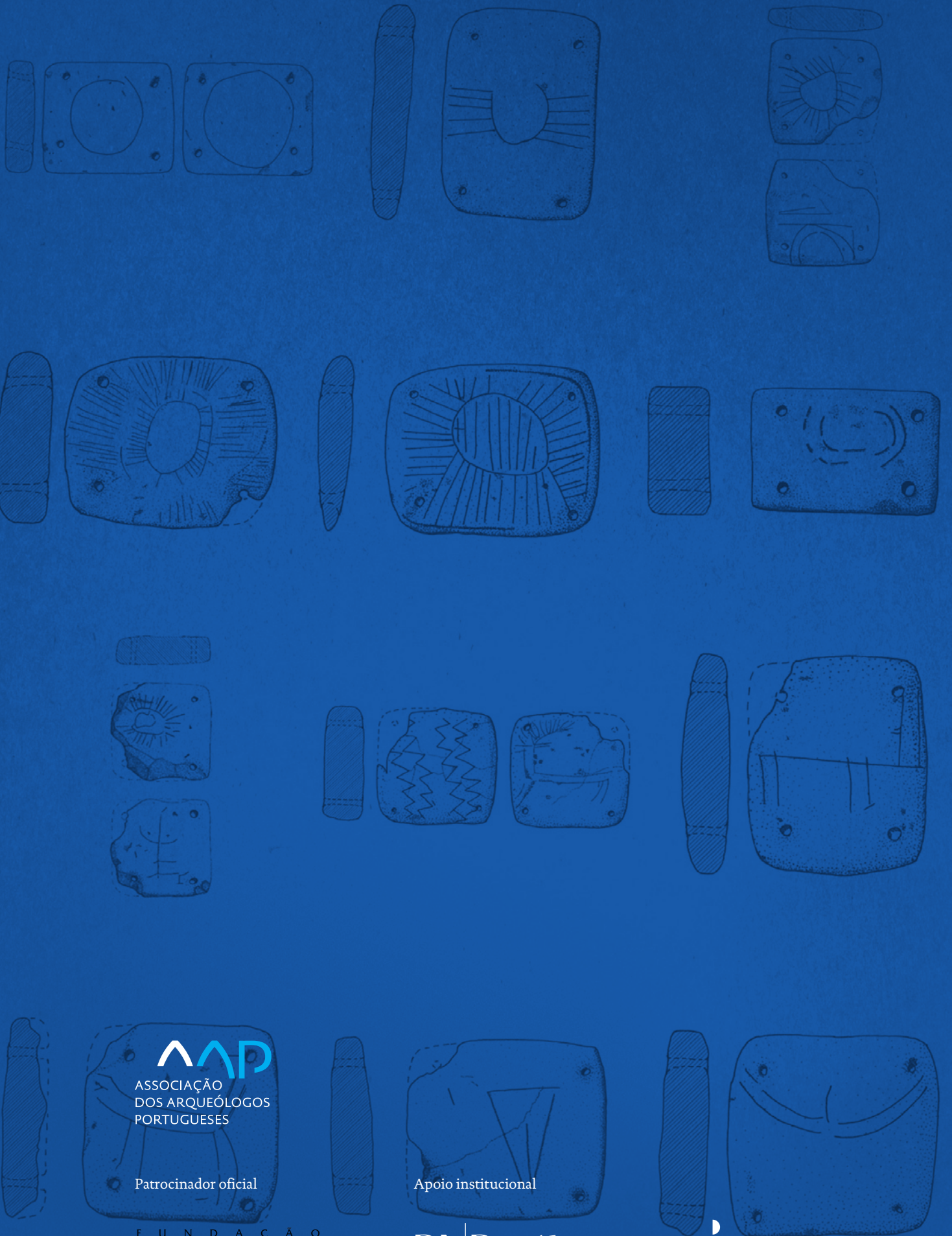


Figura 2 – Almofarizes de importação Bética.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua